



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

COMO SE QUISESSE SER TUDO: A *COLEÇÃO MOSSOROENSE* E AS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DE PESQUISA

Francisco Fabiano de Freitas Mendes
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
fabianomendes@uern.br

Qual Tifão, o filho disforme de Gaia e Tártaro na mitologia grega, a *Coleção Mossoroense* traz em seu longevo projeto de cerca de 70 anos o gigantismo de querer tocar o “oriente” e o “ocidente” com “seus braços”. E a imagem de cem serpentes ornando a cabeça e os ombros da monstruosa criatura mitológica também pode ser associada à pluralidade da coleção tanto em formato quanto em temas: as muitas direções possíveis e experimentadas partindo do coeso projeto político-cultural de construir uma espacialidade que unisse inclinação para o moderno com reconhecimento dos heróis dessa empresa, quais sejam, os membros da família Rosado e, por efeito, e registro da construção de um imaginário para a cidade com base nas ideias motrizes da liberdade (primeira a abolir a escravidão na província do Rio Grande do Norte, em 1883); da resistência (a derrota aplicada ao bando de cangaceiros liderado por Lampião, em 1927); e do pioneirismo (primeiro voto feminino do Brasil, em 1928).

O idealizador e domador do “monstro”, Jeronimo Vingt-un Rosado, se encaixa perfeitamente na formulação de Angela de Castro Gomes sobre o mediador cultural: “homens da produção de conhecimento e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social” (2016: 10). Nesse sentido, “criador” e “criatura” não podem ser entendidos separadamente, assim como um projeto com esse enraizamento não pode ser compreendido dispensando o olhar político da cultura e o olhar cultural da política pela natureza mesma do objeto.

As possibilidades de pesquisa são as mais variadas e atravessam os domínios da realidade regional pedindo também a combinação de áreas do campo historiográfico.

* * *





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

A *Coleção Mossoroense* é, provavelmente, a mais importante peça de uma maquinaria complexa que começou a operar a partir do final dos anos 40 do século passado: em 1948, ladeado pelo irmão Dix-sept Rosado, à frente da Prefeitura Municipal de Mossoró-RN, e por outro irmão, Dix-huit Rosado, atuando na Assembleia Legislativa do estado, Vingt-un Rosado instalou os equipamentos iniciais do que fora chamado, à época da campanha eleitoral, de “Batalha da Cultura”. Tai equipamentos eram o Museu Público Municipal, a Biblioteca Pública Municipal e o *Boletim Bibliográfico*.

É a partir do *Boletim Bibliográfico*, publicação mensal que circulou entre setembro de 1948 e março de 1961, que começa a construção discursiva de uma capital regional no interior do Rio Grande do Norte:

Sob a direção de Assis Silva e Romeu Rebouças, continua a circular mensalmente o Boletim Bibliográfico, cujo número de fevereiro corresponde ao vigésimo primeiro. A partir de setembro, foi adotado o tamanho ofício. Os 12 números últimos publicaram trabalhos de muito valor sobre o município e também sobre a região Oeste do Estado. (ROSADO, 1991: 07)

A expressão “Oeste Potiguar” passou a ganhar força, chegando a ter a partir de 1957 um outro equipamento: o Instituto Cultural do Oeste Potiguar-ICOP, que até hoje está na ativa. Com revista própria que veiculava essa ideia, o ICOP foi algo também idealizado por Vingt-un Rosado, em parceria com João Batista Cascudo Rodrigues, que cerca de dez anos depois viria a ser o primeiro reitor da Universidade Regional do Rio Grande do Norte-URRN – hoje Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN.

Um parêntese: essa vocação de exportar discursivamente a pequena experiência local num movimento que era ao mesmo tempo de auto-engrandecimento e de convencimento das outras forças políticas do estado pode ser visto no discurso pronunciado por Vingt-un Rosado no Primeiro Congresso Municipal Norterriograndense, realizado em 1949, quando fora apresentado o Programa Mínimo de





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Cultura. A estratégia era divulgar o então pequeno programa, sugerindo sua ampliação e replicação em várias regiões do estado. O coração de um programa mínimo de cultura ideal seria a biblioteca pública do município. A ela se agregariam a biblioteca infantil, o conselho municipal de cultura e o museu municipal. Sobre os museus, Vingt-un destaca no plano a necessidade de três museus temáticos que, se instalados estrategicamente, cobririam as principais regiões do estado e formariam uma rede temática:

O museu de MOSSORÓ procuraria se especializar cada vez mais em ARQUEOLOGIA E PALEONTOLOGIA DO RGN, o MUSEU DE NATAL seria um verdadeiro Museu Social do Estado e o MUSEU DE CURRAIS NOVOS estudaria de preferência a GEOLOGIA e a MINERALOGIA da Província. (ROSADO, 1991: 08-09)

Do *Boletim Bibliográfico* brota, em 1949, a *Coleção Mossoroense*, dividida em duas séries: a SÉRIE A - textos mimeografados; e a SÉRIE B – folhetos. Em ambas as séries, em suas publicações iniciais há textos de Vingt-un: *Os silvícolas brasileiros e o preformismo* (Vol. III – Série A); *Um possível caso de telegonia entre os nossos indígenas, mencionados por Anchieta* (N. 1 – Série B) e *Um precursor mossoroense do cooperativismo* (N. 4 – Série B) – deste títulos apenas o último não se perdeu.

Os dois primeiros citados têm presença explicada na fórmula mesma de estabelecer contato com discurso etnográfico formatado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. O terceiro é sobre o meio irmão de Vingt-un, Tércio Rosado, fundador em 1915 de uma cooperativa de comércio chamada “Mossoró Novo”. Com citações de Felipe Guerra datadas do mesmo ano, e tendo em anexo um texto do próprio Tércio Rosado, de 1949, a plaqueta, reeditada em 1992, é um exemplo de como Vingt-un conduzia a rememoração seletiva que circulava em textos e discursos pronunciados em momentos cruciais de renovação da imagem de uma cidade que, segundo se propagava, graças aos Rosado estaria fadada ao sucesso. A estratégia reflete o que Daniel Pécault definiu como “uma vocação para elite dirigente”, com o afastamento de uma observação de gabinete e a aproximação de uma ciência do social, de “setores do conhecimento do real” (1998: 21-22).





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Quando nasceu, a coleção estava ligada à prefeitura, passando, em 1974 a se instalar e ter apoio financeiro da Escola Superior de Agronomia de Mossoró-ESAM, também criada por Vingt-un, em 1967 – hoje Universidade Federal Rural do Semi-Árido-UFERSA. A terceira etapa da editora começou em 1995, quando foi criada a Fundação Vingt-un Rosado e os convênios e parcerias passam a acontecer também com as empresas instaladas no município, principalmente a Petrobras.

Na década de 70, a família Rosado comprou o jornal *O Mossoroense*, fundado em 1872, um dos mais antigos do Brasil – hoje funcionando apenas em plataforma digital.

Com tal aquisição, a *Coleção Mossoroense* passou a investir mais fortemente na produção de plaquetas (Série B), que oportunizava o retorno das matérias publicadas no periódico diário num outro formato, num outro suporte e com nova finalidade. Metodologicamente, o enfrentamento dessa fonte exige acuidade quanto ao suporte e seu papel: das bancas de jornais às prateleiras de bibliotecas particulares e públicas e, principalmente, nas bibliotecas de escolas e universidades, constituindo-se numa espécie de “capitalismo editorial” sem troca por dinheiro e sim por relações de parceria numa rede de ideias.

Exemplo máximo dessa pujança é outra ação do grande projeto: a Noite da Cultura. Motivo de orgulho pessoal do seu idealizador e principal colaborador, a Editora *Coleção Mossoroense* chegou a lançar numa única noite, mais especificamente a 17ª Noite da Cultura, em 1991, um conjunto de 400 títulos editados num período de um ano. Obviamente o registro de tal feito acabou se tornando uma plaqueta, que anos depois viria ser lançada (1998), provavelmente aproveitando matérias saídas n’*O Mossoroense* quando do evento e engrossando a lista de títulos da própria coleção enquanto reavivava os feitos do patrono e, por conseguinte, da família e seu tino para deixar Mossoró em destaque estadual e nacional.

A estrutura atual da coleção, após 70 anos e mais de 4.000 títulos é a seguinte:

A - Folhetos de grande formato

B - Plaquetas





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

C - Livros

D - Cordéis

E - Periódicos

F - Memorial dos Mossoroenses

G - Falas e Relatórios dos Presidentes da Província do RN (FELIPE, 2001: 118)

Produzindo os próprios livros aparentemente de forma caótica e com variados formatos, chamados de séries (não-temáticas), a coleção, que também é editora e hoje juridicamente pertence a uma fundação sem espaço físico próprio, é ao mesmo tempo um ajuntamento de temas dos mais variados interesses, um veio por onde escoam discursos inéditos ou se requebra textos já publicados, uma janela de divulgação científica (durante muito tempo praticamente a única em Mossoró) e uma forma de se fazer política cultural em nome de uma cultura política forjada durante décadas por intelectuais locais – homens da ciência e do campo universitário que em suas ações emblemam a questão da posição moral a eles atribuída ou por eles abraçada que parece os equidistar entre a cultura e a política (BOBBIO, 1997: 21-23).

O exemplo acima, o texto sobre Tércio Rosado e seus retornos estratégicos, é um dos muitos momentos da coleção alimentando e se alimentando de uma rede de informações e, mais importante, de colaboradores orbitando em torno de Vingt-un. Os números levantados impressionam.

Da lista de mais de 4.000 mil títulos Vingt-un figura como autor, co-autor ou organizador de cerca de 550 obras (mais ou menos 200 títulos da Série C e mais de 300 plaquetas da Série B); ele também foi o responsável pela publicação de obras (acadêmicas ou não) de mais de 200 novos escritores; e na coleção contam centenas de títulos (técnicos ou acadêmicos) das Ciências Exatas e da Terra, Ciências Biológicas, Engenharias e Ciências Agrárias. Portanto, o gigantismo dos números e a variedade de focos flagram a atuação de um intelectual interessado, antes de tudo (ou apesar de tudo), na difusão das letras. (MENDES, 2018: 50-51)

A atuação nas universidades foi outro ponto fundamental na difusão do conhecimento aliada à manutenção do projeto político-cultural original. Sustentava o veio científico das publicações, a realização de eventos acadêmicos de alcance nacional





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

que alimentavam o livros e plaquetas em períodos posteriores, seguindo o *modus operandi* da editora. Congressos, simpósios e seminários, como o Congresso Nacional de Botânica, 1974; Congresso Brasileiro de Zoologia, 1980; I Congresso Brasileiro de Agrometeorologia, 1979; Congresso Brasileiro de Fitopatologia, 1975; Congressos Brasileiro de Florestas Tropicais, 1975 e 1976, tiveram sus resumos e anais publicados na coleção e, com efeito, serviram de matéria para uma obra posterior que os comentava como conquista.

Mas é a característica geral da *Coleção Mossoroense* de ser mais reconhecida pelo selo editorial do que por um conjunto de linhas temáticas específicas leva a pensá-la como um impulso à prática da leitura e ao universo que rodeia o objeto livro, como um meio de propagar ideários políticos e, sobretudo, ao serem sua existência e atuação cotejadas com alguns de seus texto, como objeto de pesquisa. Sem haver meios de levantar o grau de penetração dos títulos da coleção, aos moldes de uma história da leitura, é curioso perceber como mais ou menos um século depois do crescimento e da definitiva instalação da prática da leitura na Europa, sobretudo na França, a *Coleção Mossoroense* acabou por capturar, a seu modo e no interior do nordeste brasileiro, aspectos daquele movimento.

Da expansão da leitura de massa na França em meados do século XIX, estiveram na proa da popularização da cultura escrita os romances-folhetins estrategicamente instalados nos jornais e os próprios jornais populares, quando conseguiram atingir um valor mínimo para a compra do popular letrado. Também foram importantes as coleções de romances a preços módicos. Mas é destaque também “os livros de divulgação científica e, entre eles, em incontestável primeiro lugar, os dicionários e as enciclopédias, essas bibliotecas portáteis contendo o conhecimento do mundo”. (MOLLIER, 2008, p. 08-09)

As coleções, como as definiu Mollier, faziam parte de uma política editorial que se constituía em projeto cultural e que, em última instância, fazia parte, ou era, em si mesma, uma política cultural.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

A *Coleção Mossoroense* guarda as características que Mollier descreveu para os textos de não-ficção. No entanto, em suas particularidades, parece ter açambarcado para si todas as possibilidades do que seria uma coleção. Afinal, mesmo se se tratasse de uma biblioteca cujos objetivos fossem selecionar, adquirir e desbastar obras de um único tema ou dos mais variados temas possíveis, ainda assim, como sustenta Simone Weitzel, “formar e desenvolver coleções vai mais além que selecionar e adquirir obras” (2012: 180).

Ainda traçando um paralelo com Mollier, esse aspecto da *Coleção Mossoroense* a coloca num meio termo em relação às coleções que davam ao leitor a ideia de que ele encontraria novos títulos confortavelmente localizáveis em relação a temas estabelecidos cujo gosto e demanda estavam garantidos e aquelas que “visavam à universidade”, um universo do “amontoamento, do bric-à-brac de objetos mais ou menos inassimiláveis, reunidos apenas para dar ao leitor a ilusão de que sua posse era indispensável ao homem moderno” (MOLLIER, 2008, p. 132-133).

O exemplo dos dicionários é ilustrativo: no catálogo mais atual e completo da coleção constam 23 títulos com o formato de dicionário, com destaque para os cinco fascículos de *A engenharia nacional passou por Mossoró, seguindo as pegadas do “sonho grafiano” – dicionário dos guerreiros da grafiana saga ferroviária de Mossoró ao São Francisco* (reeditados em 2000) , os seis números do *Dicionário de “O Mossoroense”*, o autopromocional *Dicionário do pioneirismo de Vingt-un* (1993) e *Mossoró na Enciclopédia e Dicionário Internacional* (1998). Essa faceta mostra certo apelo ao registro o mais técnico possível – a utilização do gênero textual dicionário aponta para isso – aliado à autofagia e à promoção dos mitos cuja análise não caberia no limite destas páginas.

No entanto, a seca e o Nordeste são os temas que atravessam boa parte da coleção, emprestando-lhe um recorte espacial não tão fixo, mas localizável – é um experimento local que quer ganhar mundo:

“É um negócio de doido que começou em 1949”, conta Rosado, hoje com 79 anos, morador ilustre de Mossoró, no Rio Grande do Norte. “Um homem de juízo não faria isso”, brinca. Dentre os 3 mil títulos da coleção, mais de mil





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

são livros – e mais de 700 dedicados à seca. A Coleção Mossoroense é responsável pela maior bibliografia do país sobre a grande praga do Nordeste. “É a linha mais importante”, explica o criador da coleção. (KRITSCH, 2000)

Cartas, os discursos, os relatórios, levantamentos, resultados preliminares ou conclusivos de estudos sobre solo, fauna, flora, toponímias... um variado repertório de textos, inclusive memórias e criações literárias, tudo isso faz parte do universo das cem serpentes que ornaram as duas diretrizes da coleção.

Quando Vingt-un crava a expressão “País de Mossoró”, xistosa e provinciana, mas a ela juntamos a observação de toda a atmosfera construída a seu redor, percebemos como as chaves interpretativas desenvolvidas por Koselleck (2006: 305-327) também podem ser aplicadas: conhecimentos de variados graus de proximidade do passado num exercício de “espaços da experiência” com a finalidade de usar esse conhecimento para possibilitar um “horizonte de expectativa”.

Referências bibliográficas

BOBBIO, Norbert. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. Trad.: Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

FELIPE, José Lacerda Alves. *A (re)invenção do lugar: os Rosados e o País de Mossoró*. João Pessoa: Grafset, 2001.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos (Orgs.). *Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad.: Wilma Patrícia Maas, Carlos A. Pereira, César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

KRITSCH, Rebeca. Redescobrimo o Brasil – o inventor da maior coleção de títulos do país. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 14 maio 2000, p. 223. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20000514-38925-nac-0223-cd2-d11-not>>.

MENDES, Fabiano. *O caos com causa: Vingt-un Rosado e o veio político da construção identitária na Coleção Mossoroense*. In: COSTA, Bruno Balbino; FERNANDES, Saul Estevam (orgs.). *Capítulos de história intelectual do Rio Grande do Norte*. Natal: IFRN, 2018.

MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios sobre história cultural*. Trad.: Elisa Nazarian. Belo Horizonte-MG: Autêntica Editora, 2008.

PÉCAUT, Daniel. A geração dos anos 1920-40. In: _____. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. Trad.: Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Ática, 1998.

ROSADO, Dix-sept. *Atividades culturais do segundo ano da minha administração municipal*. Mossoró-RN: Coleção Mossoroense, 1991 – Série B, n. 1064 (texto original: Boletim Bibliográfico, n. 22, de 31-03-1950).

ROSADO, Vingt-un. *Um Programa de Difusão Cultural em 1949*. Mossoró-RN: Coleção Mossoroense, 1991 – Série B, n. 892.

WEITZEL, Simone da Rocha. Desenvolvimento de coleções: origem dos fundamentos contemporâneos. *TransInformação*. Campinas-SP, 24(3):179-190, set./dez., 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tinf/v24n3/a03v24n3.pdf>>. Acesso em 26 jul./2018.

